

Escolas médicas portuguesas ignoram cuidados paliativos

O que existe em 23 escolas médicas britânicas não existe em nenhuma escola médica portuguesa: um módulo com avaliação final e um curso de pós-graduação em cuidados paliativos. O sentimento geral é de que os profissionais portugueses vivem com esta realidade de um «saber feito de experiência» que não lhes dá as bases suficientes para que a humanização no cuidado ao doente avance e seja uma prioridade

O ensino dos cuidados paliativos foi o tema da conferência de encerramento da IV Reunião Científica da Associação Nacional de Cuidados Paliativos, que decorreu no Fórum da Maia, em Junho. O Prof. Geoffrey Hanks, da Universidade de Bristol, Reino Unido, explicou o funcionamento do módulo dedicado aos cuidados a doentes terminais. Este especialista britânico foi também responsável pelas conferências, incluídas no programa da reunião, dedicadas aos «Princípios gerais de tratamento da dor» e aos «Opióides».

Em Portugal, somente o Curso de Medicina da Universidade de Coimbra contempla uma pequena abordagem aos cuidados paliativos, e apenas aos internatos de Clínica Geral. De resto, o ensino desta actividade médica tem passado apenas pela experiência pessoal dos especialistas que adquirem competências pela prática ou pela observação dos colegas mais velhos.

No Reino Unido existem 23 escolas médicas, cada uma com currículos diferentes. Em Bristol, surgem a cada ano cerca de 200 novos formandos na área da Medicina, incluídos num dos cursos de bacharelato mais antigos da Europa. De facto, a Universidade de Bristol é uma das mais conceituadas do Reino Unido, onde existem 13 candidatos a concorrer para cada vaga. O ensino dos cuidados paliativos na escola médica daquela universidade é feito conjuntamente com o ensino da Oncologia no último ano e ao longo de cinco semanas. Aqui, os estudantes de Medicina entram em contacto com módulos diversos, como a Introdução à Oncologia e aos Cuidados Paliativos, Diagnóstico e investigação de Cancro, Ética e Medicina Oncológica e Cancro da Mama, entre muitos outros. O módulo

organiza-se sobretudo por tópicos, contando com docentes médicos de várias áreas.

A avaliação

Segundo o Prof. Geoffrey Hanks, «aprendemos que o estudantes de Medicina não aprendem, a não ser que sejam avaliados. Assim, de uma fase em que o módulo dedicado aos cuidados paliativos não era alvo de avaliação, passou-se a uma segunda fase, em que existe um exame objectivo e estruturado conjuntamente com pequenos estágios em situações clínicas. No exame mais recente, os estudantes queixaram-se da dificuldade das perguntas, pelo que o professor salienta que «deve haver um cuidado extremo, já que os alunos podem, de facto, reprovar o ano por causa deste módulo».

As aulas práticas do curso decorrem durante uma semana em que os estudantes são enviados para encontros com equipas de uma determinada comunidade, como, por exemplo, uma equipa de enfermeiros que vá a casa dos doentes. Trata-se, segundo o orador, de «diferentes encontros que fazem todos parte do trabalho conjunto dos cuidados paliativos». Além disso, cada estudante possui um manual com informação sobre o curso, casos práticos e o exame final. Uma sondagem feita entre as escolas de Medicina do Reino Unido revela que as 23 respondentes ensinam cuidados

paliativos e que 17 destas estão a estruturar um currículo que visa quatro anos de treino para se ser profissional de cuidados paliativos

Este currículo considera aspectos físicos, psicossociais, assuntos religiosos e culturais, aspectos éticos, trabalho de equipa, aspectos organizacionais e aspectos não clínicos. Vinte e duas escolas ensinam também comunicação aos seus estudantes e apenas em seis não existe um exame final no módulo de cuidados paliativos. Além disto, os médicos contam frequentemente com seminários e conferências sobre o tema, entre as quais sessões clínicas ou ligadas à actividade teatral para os doentes terminais. Por fim, existem também sete cursos de pós-graduação em cuidados paliativos - o responsável pelo aparecimento do primeiro foi precisamente o palestrante, o Prof. Geoffrey Hanks. Estas acções pedagógicas permitem uma melhoria considerável no ensino da actividade hospitalar em geral. Contudo, segundo o orador, «é uma tarefa difícil mas essencial». A recepção destes módulos pelos alunos é excelente, tanto

Dr. Óscar Vilão: «Falta formação humana em Portugal que entenda que o facto é o doente e não apenas a doença»



Prof. Geoffrey Hanks:
«Aprendemos que o estudantes de Medicina não aprendem, a não ser que sejam avaliados»

mais que, em Bristol, uma das responsáveis do curso de cuidados paliativos foi eleita tutora clínica do ano.

Olhando por fim a realidade portuguesa, o sentimento expresso pela assistência é de «desilusão», devido aos problemas dos próprios médicos em lidar com os doentes que têm por vezes, uma «muito má morte». Perpassa a sensação de que há muito a fazer, sendo urgente a inclusão, nos currículos dos cursos de Medicina, de uma cadeira que dê especial atenção aos cuidados paliativos. Segundo o Presidente desta conferência, Dr. Óscar Vilão, «falta formação humana em Portugal que entenda que o facto é o doente e não apenas a doença». Durante os últimos anos tem havido um certo avanço nos cuidados ao doente mas é preciso «dizer basta e avançar com a humanização».

A.C.L.